



O FUTURO JÁ ESTÁ NO PRESENTE *A Clínica Psicanalítica para o Século XXI*

Maria Helena Barbosa

Começou a acontecer o que foi previsto por Jorge Forbes em seu artigo *O periquito do realejo virou genoma* (1).

Nele, antevê a problemática que passará a se colocar para o mundo atual, ao dizer: “Dentro de pouco tempo, uma pessoa encontrará nas boas farmácias do ramo testes genéticos que informarão da tendência de alguém ser acometido por uma doença grave. Vocês podem imaginar a paranóia que vai se instalar? Se antes comparávamos o que o papelzinho da sorte escolhido pelo periquito do realejo dizia, agora a coisa parece mais séria, do tipo ninguém escapa, fatal: - “tirei 35% de possibilidade de Alzheimer, e você? Nossa, 58% ! Ah, é melhor você já ir se despedindo da sua família enquanto ainda os reconhece”.

Em menor escala, não menos pernicioso, podemos dizer: isto já começou a acontecer efetivamente. Refiro-me ao relato de um caso, acontecido nos EUA, de uma mulher que, de uma família de mulheres portadoras do gene do câncer de mama há quatro gerações, após a morte de sua irmã pela mesma manifestação, apesar de não possuir o gene, teve suas mamas extirpadas. Isto baseado o argumento de que os exames das mamas já não são mais considerados preventivos, servindo apenas como um diagnóstico precoce.

Ainda no mesmo artigo, Forbes propõe que “As informações genéticas deverão ser interpretadas duplamente. Geneticamente, será fundamental saber como valorizar o achado de uma determinada mutação, ou aberração. Não bastará saber se é grave ou não, pois é necessário saber do grau de manifestação somático daquele determinado distúrbio. Mutações aparentemente graves em si, podem não se manifestar por uma vida inteira, enquanto outras mais leves podem acabar sendo mais problemáticas”. E, “Do ponto de vista psíquico, estamos também confrontados a um fenômeno totalmente novo: até recentemente as pessoas iam a um médico para saber o que tinha lhes ocorrido, hoje, cada vez mais, vai-se ao médico para saber o que vai lhe ocorrer. Não é tanto a medicina

do futuro, mas a medicina do meu futuro. O curioso é verificar o que ocorre ao se receber um desses diagnósticos futurísticos”.

Neste sentido, desde 2006, sob a coordenação de Jorge Forbes e Mayana Zatz, um grupo de analistas iniciou um trabalho de pesquisa em Genética e Psicanálise, com portadores de distrofia muscular, na Clínica de Psicanálise do Centro do Genoma Humano da Universidade de São Paulo.

Em outro artigo, *Maktoub? A influência da psicanálise sobre a expressão dos genes*, também de Forbes, destacando alguns aspectos desta pesquisa, ele comenta que “um fenômeno típico do nosso tempo, que era antes impensável, é a comunicação, a uma pessoa, de um diagnóstico e prognóstico científicos, anunciando-lhe uma doença futura, da qual ela ainda não sofre e que, freqüentemente, tem um nome estranho, geralmente aterrorizante. Passado um primeiro momento de raiva, quase sempre a pessoa escolhe alienar-se no sujeito-suposto-saber do imaginário social, ou, em outros termos, em um sofrimento prêt-à-porter. Sabemos bem como a sociedade é capaz de produzir sofrimentos e alegrias em modelos prêt-à-porter”.

Por um lado, constatamos que este diagnóstico antecipado, em diversos casos, facilita e acelera a progressão da doença anunciada.

Por outro, constatamos que a ação psicanalítica é possível com estes pacientes. Esta se dá incidindo diretamente sobre o sofrimento prêt-à-porter, fazendo vacilar os semblantes emprestados do imaginário social, com suas verdades com pretensão de absolutas. Isto visa a diminuir o sofrimento e a restituir ao sujeito a condição de sua existência contingente, abrindo espaço para a invenção criativa de cada um frente à responsabilidade de sua singularidade.

No caso acima relatado, vemos consequências ainda mais dramáticas. Como disse o filósofo alemão Hans Jonas, a partir dos avanços do conhecimento humano, paradoxalmente o medo ganhou uma função heurística. Além de se constituir como um fator de descoberta, passou a ser também um fator de prudência, fazendo consistir o terreno comum onde, médico e paciente, num acordo selado, optam pela prática do que podemos chamar, sem correremos o risco de sermos excessivos, uma mutilação consentida.

Como se não bastasse, à sobrinha da mesma mulher, já cabe a prescrição antecipada de iniciar exames das mamas, tão logo alcance a puberdade.

É necessário dizer que corre-se o risco de reduzir esse acontecimento a um erro médico. Como se o problema estivesse apenas do lado de uma formação mal feita.

O fato é que, com a mudança de paradigma implicada no advento da globalização, mais que nunca a humanidade se encontra desbussolada em sua ação.

A autoridade assumida frente aos avanços das pesquisas científicas, com a ampliação de seus deveres para além das paredes dos consultórios, através do trabalho pioneiro que a Psicanálise vem desenvolvendo em parceria com a Genética, no Brasil, mais precisamente em São Paulo, vemos a correspondência do que seria uma definição autêntica da Psicanálise como ciência na contemporaneidade, da mesma forma Lacan assim designou a psiquiatria inglesa em sua ação determinante na Segunda Grande Guerra.

Constatamos que a clínica psicanalítica tal como se propõe esta experiência traz novas conseqüências no mundo do séc. XXI.

A Psicanálise, num novo registro de determinação, trazendo um novo ponto de vista a partir da chamada Clínica do Real, está forjando os instrumentos necessários para abordar a subjetividade e o mal estar da civilização atual.

Bibliografia

- (1) **“O periquito do realejo virou genoma”**, artigo publicado na revista *Psique*, nº55, julho de 2010 e no site www.jorgeforbes.com.br
- (2) **“Maktoub? A influência da psicanálise na expressão dos genes”**, conferência de Jorge Forbes apresentada no 6º Congresso da Associação Mundial de Psicanálise, Buenos Aires, abril de 2008 e publicado no site www.jorgeforbes.com.br